



A ESTRADA DA CIRCUMVALAÇÃO

No dia em que as comissões delegadas do movimento reaccionario foram ao Paço, para exercerem o seu direito de representação perante o Rei em favor das congregações religiosas, o povo apinhava-se nas ruas do percurso, não poupando satyras ao acontecimento, e cobrindo de apupos as carruagens em que iam os representantes d'esse movimento.

Uma particular curiosidade aguardava a passagem do trem que devia conduzir o Cardeal Patriarcha; mas ninguém o viu, e toda a gente chegou a persuadir-se de que elle houvesse prudentemente deliberado não fazer ostentação do seu antipathico papel de chefe supremo da agitação reaccionaria.

Soube-se ao depois que elle não só fôra ao Paço, mas lá se pozera á frente de todos, e elle mesmo lera, em voz altisonante, essa representação, que o Conde de Samodães previamente cobrira de alguns milhões de assignaturas a rogo de outros tantos milhares de anáphabetos, histeri-

cos e interdictos.

Averiguado o caso, soube-se que o Patriarcha, saindo de São Vicente, mandara seguir a carruagem pela Graça, Charca e Arroyos, entrando na estrada da Circumvalação, e chegando ao Paço incolume de chufas e, porventura, de batatas.

Mais uma vez Sua Eminencia ludibriara as atenções populares e poderia rir, para dentro, da cara do Padre Ruas com que ficara toda essa gente que esperava vê-lo passar e lhe preparava uma manifestação — de tres assobios.

E todavia, quem se houvesse prevenido, teria pensado bem que o caminho naturalmente indicado, para ir do Paço de São Vicente até ao Paço das Necessidades, era a estrada da Circumvalação. A linha recta, na geometria jesticá, nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

No roteiro da Vida, que os jesuitas ensinam aos filhos da sua seita, a estrada da Circumvalação é o mais suave e o mais seguro de todos os caminhos que vão dar a Roma.

Ao passo que tantos outros, os simples e os bondosos, imaginam ganhar o Céu tomando pela Rua da Amargura, o Patriarcha descreve a linha sinuosa da sua derrota de catechese, mandando bater a tipóia pela estrada da Circumvalação:

Emquanto outros, os sinceros e os

crentes, supõem que caminham para a Verdade, subindo pela Rua da Fé, o Patriarcha dá a volta, envereda por viélas, e chega lá muito antes, pela estrada da Circumvalação.

Quando outros, os ingenuos e os arrebatados, pensam chegar á Redempção, atravessando o Campo dos Martyres da Patria, o Patriarcha vae de roda, tóma por linhas travessas, e corta-lhes todas as vazas, pela estrada da Circumvalação.

Finalmente, no dia em que uma multidão de paes a quem roubaram as filhas, de filhos a quem perverteram as mães, de irmãos a quem desfloram as irmãs, enche as ruas da cidade por onde deve passar, symbolizada num homem vestindo saias, a seita que lhes escarneceu a familia e lhes envenenou a paz; no dia em que essa multidão, sussurrante e mal contida no impeto de desforço, aguarda a passagem d'esse homem, que tem ainda a audacia de ir pedir ao Rei que lhe guarde as costas com os terçados da sua Policia e as patadas dos cavallos da sua Municipal — esse homem, que é o proprio Patriarcha, manda apparelhar e atrelar as mullas á traquitana da religião do Estado, segue pela Graça, entra pela Charca, tóma por Arroios, e chega até junto do Rei, sem que ninguém o veja, sem que ninguém o sinta, sem que ninguém o suspeite... —pela estrada da Circumvalação!



PIADAS SOLTAS OU SOLTURA DE PIADAS

Quer o *Jornal do Commercio* que se adoptem entre nós medidas analogas ás que estão em uso nas cidades estrangeiras, para a conservação do pavimento das ruas. E diz que nessas cidades, onde as ruas se encontram sempre no mais perfeito estado de conservação, não se permite ás carroças que transitem com exagerados carregamentos como os que todos os dias vemos em Lisboa.

O remedio é facil. É obrigar as carroças a fazerem o mesmo que fez o Sr. Julio Villena, approvando o projecto bancario do Ultramar na Camara dos Pares, e publicando depois pela imprensa as razões por que não concordava em grande parte com o projecto que acabava de approvar.

Chama-se a isto — alijar a carga.



Informa um jornal que o Sr. Ministro da Marinha, que é director da Companhia dos Tabacos, exportou para o districto de Villa Real dois empregados da poderosa Companhia para redigirem dois jornaes que defendem a sua politica: um na séde do districto, outro em Chaves. E acrescenta a gazeta que os mesmos empregados são dirigentes de quadrilhas de caceteiros que espantam os adversarios do Sr. Teixeira de Sousa. E que não faltava mais nada aos de Chaves e Villa Real.

Quer nos parecer que os de Chaves e de Villa Real não têm razões para doridas queixas. Antes aturar em taes condições os empregados da Companhia dos Tabacos do que fumar-lhe os cigarros.



Uma correspondencia de S. Bernardino (Peniche) para um collega de Lisboa informa acerca d'um coio jesuitico:

«Sua Eminencia costuma demorar-se para cima de uma mez, envergando quasi sempre o fardamento franciscano, isto é, habito, corda e sandalias, pelo que as beatas até choram.»



Imagine-se o que ellas farão vendo Sua Eminencia sem cordas, sem sandalias e sem habito. Até se assôam...

O *Dia* deu a entender que o Sr. Ministro da Marinha continua recebendo os vencimentos de empregado da Companhia dos Tabacos; e mais deu a entender ainda que o caso se presta a commentarios asperos.

Sempre o mesmo, este Ennes, esverdeado symbolo de todas as invejas! Não pode ver ninguém com uma camisa... suja.



De um substancioso folhetim do Sr. Alberto Pimentel temos a honra de recortar esta sublime definição de saudade:

«...ordinariamente, a saudade, nasce das ruínas do tempo vivido.»

Quer dizer na sua o venerando ancião, que extraordinariamente a saudade nasce do tempo que está para vir.

Está direito.

No mesmo artigo, o venerando ancião tambem diz:

«... não ha nada mais terrivelmente feroz do que a hydrophobia da mediocridade.»

Agora — está direitissimo!



Na Sociedade de Geographia, realizou ha dias o Sr. Consiglieri Pedroso uma notavel conferencia, em que se referiu largamente aos assumptos da flora e da fauna nas colonias portuguezas, lembrando que Angola tem excellente terreno para a cultura do trigo, expondo a conveniencia de propagar a cultura do chá e engrandecer a da borracha, estimulando, emfim, o aproveitamento de todas as grandes fontes de riqueza das nossas colonias.

Petra-Vianna, que assistia á conferencia, ouviu, ouviu, ouviu, parecendo prestar uma attenção religiosa ás palavras do illustre professor.

No fim, quando os amigos de Consiglieri se levantaram e foram cumprimenta-lo, Petra foi tambem, e apertando muito a mão ao conferente, felicitou-o e disse:

— O meu amigo acaba de lembrar uma coisa que pôde ser, só por si, a salvação de Portugal!



Consiglieri sorriu, descrente, mas sempre perguntou:

— O que foi? Não dei por isso...

— Ah! Pois sim. Mas dei eu!

É a questão da borracha. Disse o meu amigo que nós precisamos estender a cultura da borracha. Ora eu lembrei-me de um meio que pode dar resultados fabulosos sem despesas de novas plantações...

— E então?

— E então?! É puxar por aquella que já temos... A borracha é um producto que estende muito, quando se puxa por elle.



No Congresso da Tuberculose, o Dr. Albino Pacheco propoz as seguintes novidades:
 Crear subsidios de gestação;
 Fundar e desenvolver maternidades;
 Fomentar sociedades de patrocínio;
 Lançar, sobre os celibatarios e sobre os conjuges estereis um imposto destinado ás precedentes obras;

Evitar o uso do beijo por cumprimento.
 Ou nós nos enganamos muito, ou então vae dar-se na estatistica da população portugueza uma differença para mais muito sensível. Porque esta idéa de fundar, maternidades por meio de fomentações do Dr. Patrocínio, estabelecendo que os beijos sejam dados com vontade, subsidiando a gestação, e agravando com impostos a esterilidade, é todo um plano soberbo de propagação... da espécie!

A ir por deante a proposta do Dr. Pacheco — que quanto a nós offerece todas as condições precisas de viabilidade, desde que não se pense em executar a pelas vias officiaes — convirá evitar, sobretudo, que os subsidios de gestação sejam distribuidos pelo Sr. Conde do Restello. Porque, de contrario, elle seria muito capaz de distribuir todos esses subsidios de gestação pelos estudantes pobres, achando depois meio de os justificar, se não perante a physiologia, pelo menos perante o Governo!



Os fiscaes do Governo junto da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, em commissão no Ministerio das Obras Publicas, mais uma vez sollicitaram do Ministro a concessão de passes nas linhas d'aquella Companhia. Ha dois annos já que elles pedem isto, coitados! Se chegam a receber os passes, bem poderão chamar-lhes — passes de castigo.



O desenho d'este lindo palminho de cara e dos correlativos repolhudos olhos, representa uma entusiastica e sincera homenagem da *Parodia* a Carlos Malheiro Dias, auctor do seu appellido illustre nas pessoas dos não menos illustres Telles de Albergaria, e antigo pae do *Filho das Hervas*.

Como elle, tão pequentino, consegue fazer tão bem a sua obrigação, é de pasmar! Neste romancista illustre se justifica a velha conceituosa phrase: *os homens não se medem aos palmos*.

Os sinceros parabens e estreitos abraços dos seus amigos da *Parodia*!

PRATO DO DIA



Cabeça de jesuita com feijão frade

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Extractos de um boletim parlamentar confuso:

«O Sr. Santa Rita manda para a mesa a copia de uma representação sobre concessão de licenças para o funcionamento de alambiques de destillação de alcohol e aguardente. O Sr. Santa Rita bordou sobre este assumpto diversas considerações».

Como esta passagem é um pouco obscura, demonstramos praticamente pela illustração que segue como o Sr. Santa Rita bordou considerações sobre alambiques.

Foi assim:

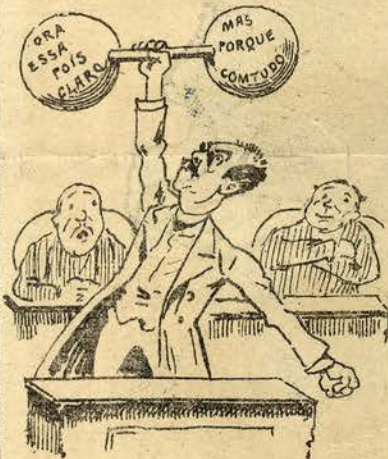


Prosegue o boletim confuso:

«O Sr. Cayolla faz umas leves considerações sobre a demora dos documentos pedidos ao Ministerio das Obras Publicas pelos deputados. A proposito levanta algumas palavras proferidas pelo Sr. Ministro das Obras Publicas.»

Como varias pessoas se nos dirigem pedindo digamos como interpretámos esta passagem, como se fossemos Candido de Figueiredo, ahí vae tambem a explicação graphica d'ella — como o Sr. Cayolla levantou palavras do Sr. Ministro das Obras Publicas.

Foi assim:

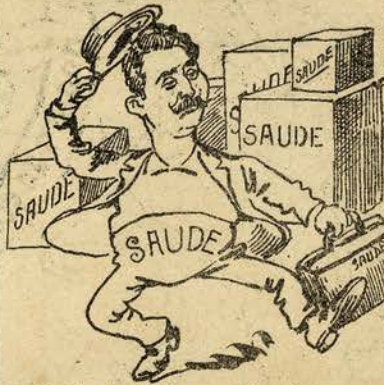


Continua o boletim confuso:

«O Sr. Rodrigues Nogueira — ... Elle orador chegou uma vez de Africa com carradas de saude e foi preciso declarar positivamente que não queria licença, pois que lla'ia queriam dar quasi a força.»

Aqui está tambem como o Sr. Rodrigues Nogueira chegou de Africa com carradas de saude.

Foi assim:



Depois de tão claras explicações, sempre queremos vêr se continuam a achar o boletim confuso, ou sem fuso.



Um philosopho que acaba de lêr o annuncio da *Padeira de Aljubarrota*, grande romance historico de Faustino da Fonseca, divaga s bre o caso:

— Isto é que é chamar a pá de forno — a pá do bucho!



Communica nos um amigo uma nova gracinha do Sr. Conselheiro José Luciano de Castro, em francez, está bem de ver. E' uma phrase feita com nomes de grandes escriptores da Franca.

Diz assim:

— Lamartine Boi l'eau à La Fontaine de La Place de Victor Hugo.

E' mesmo damnado para a chalaça!



Cumulo:

De prodigio musical. — Tocar rabeca com o Arcó do Evafisto.



Lisboa tem mais um estabelecimento modelo: a Pastelaria Marques, estabelecida na loja do Chiado onde em tempos esteve a casa Gomes, e que tem tido muita mais concorrência que a livraria sua antecessora. E a razão explica se: é que os pasteis d'esta são de mais facil digestão que os da outra.



OITO DIAS EM LISBOA

Do nosso correspondente

Aquillo foi de bota abaixo, tudo!
Depois de varias, tremebundas bôdas,
Regresso á Invicta muito mais bojado
E lá se vão as elegancias tolas!



Santo Bordallo, evangelista chico,
Foi d'um requinte inexcôdível! Pois
Taes comezanias me chegou ao bico
Que eu 'stive quasi a rebentar em dois!

Não fui á Lysbia, fui á engorda! As moelas
Andaram sempre n'uma fôna, á prova!
E n'este coisa a que se chama piélas
Houve-as d'aquellas de caizão á cova!

Nem sei se o diga... Mas rimando em silva
Logo á chegada... Que as teria á resma
M'o garantiu na sua voz que silva
O meu amigo Portugal da mesma!

Depois, não sei! Pantagnuel, Vitellius,
Gargantua, todos! metti tudo ao fundo!
E dei emfim, nos devorantes prêlios,
N'um dos mais altos comitões do mundo!

E a pança, juro que ficou fregueza!
E tanto assim que como um bem terrestre,
Vi os apost'los cá da folha á meza,
Passos da graça do Divino Mestre!

Mestrs Bordallo, o bom amigo! Qual
De entre os mais fortes me mettu sem medo
N'uma arrozada de marisco tal
Que foi de a gente lha tocar c'o dedo!



Depois um vinho de nos pôr em pé,
Brindes em barda, saudação em pró,
E emfim um grande, um magistral café,
Com cana! e cana d'uma cana só!

Em summa, bem que dá adorada vide
O summo sumo d'esse brodio a ródos,
Mais deu o Camara, o Mesquita, o Cid,
E esse bom Lopes de Mendença, todos!

Ah meus amigos! Raphael! Manuel!
E você, Gomes! bons amigos meus!
Se os pilho aqui, digam adeus á pell!
Que ou eu rebento ou os rebento!

TITO LITHO.

THEATRO DO INFANTE



A LENDA DA CAROCHINHA

Era uma vez
A carochinha
Achou cinco réis
Ao varrer a cosinha,
A corochinha
Poz-se á janélla
A vêr quem queria
Casar com ella:

«Quem quer casar
Com a carochinha
Que ella é formosa
E bonitinha?»

Chega elle a casa
Vae ao caldeirão,
Metteu um pé,
Metteu a mão,
Cahiu lá dentro
O João Ratão.
Acabou a missa:
Carochinha então
Veio sem leque
Nem João Ratão,
Procura na casa
Vae ao caldeirão.
«Ai meu marido,
Meu João Ratão
Cosido e assado
No caldeirão!

Foram os principes para palácio e pergun-
tou a rainha:

Que tendes meninos
Que quebraes os cantarinhos?
— Morreu o João Ratão
A carochinha a chorar
A tripeça a dansar
A porta a abrir e a fechar
A trave quebrou-se
O pinheiro arrancou-se
Os passarinhos
Tiraram os olhinhos
E nós quebrámos os cantarinhos.

Theophilô Braga. *O Povo Portuguez*, Vol.
II 1885.

RAPHHEL BORBALLO PINHEIRO

O Theatro do Infante, na Avenida da Liberdade, está proporcionando ao publico de Lisboa um espectáculo de novidade e interesse: as recitas infantis de uma magica de Eduardo Schwalbach, bordada, como agora se diz, sobre a lenda da *Carochinha*.

Digno de se ver, tudo: o theatro, que é uma linda boceta; o trabalho dos traquinas, que é engraçadissimo; e a magica do traquinas-mór, que é mais engraçada ainda.
Felicidades a todos!



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Serviço especial com motivo
da feira e festas da Semana Santa
em Sevilha

BILHETES DE IDA E VOLTA A PREÇOS MUITO
REDUZIDOS

De Lisboa, Coimbra ou Figueira
1.ª classe 18\$300 — 2.ª classe 12\$900 — 3.ª classe 8\$600.
De Porto-Campanhã
1.ª classe 21\$300 — 2.ª classe 14\$900 — 3.ª classe 10\$100
validos para ida de 29 de Março até 17 d'Abril, e para o
regresso de 6 a 25 d'Abril, inclusivé.
Quatro comboios rapidos directos de ida e volta
compostos de 1 wagon-leito, 1 restaurante (até ou desde
Badajoz) e 1.ª classe.

Partidas de Lisboa-Rocio em 30 de Março, 2. 15, e 17
d'Abril ás 4 horas da tarde. Chegadas a Sevilha 9,15 m.
Regresso de Sevilha em 1, 8, 16 e 22 d'Abril ás 7,55 da
tarde. Chegadas a Lisboa-Rocio 12,42 da tarde.

São validos para estes comboios os bilhetes especiaes
de 1.ª classe d'este serviço e os ordinarios simples (uma
só viagem) da mesma classe

Sobretaxa para o wagon-leito, quer á ida quer á volta
21 pesetas e mais 10 centimos, de sello para o Governo
hespanhol.

Os passageiros de 1.ª classe poderão tomar as suas re-
feições no restaurante.

Para mais esclarecimentos ver os cartazes affixados
nos logares do costume.

Lisboa, 9 de Março de 1901.

O director geral da Companhia — Chapuy.

AVISO AO PUBLICO

Desde 10 de Abril de 1901 é tornada diaria a venda de
bilhetes de IDA e VOLTA, a que se refere o § 3.º da ta-
rifa especial N. B. n.º 7 de grande velocidade de 20 de
Julho de 1898, para viagens entre Coimbra e as estações
de Mortagua até Majorca, venda que tem sido feita so-
mente nos dias 22 e 23 de cada mez.

Estes bilhetes terão um dia de validade nos termos da
condição 1.ª da citada tarifa, e em tudo mais fi-ará su-
jeitos ao que ella estabelece nas suas restantes condições.

Lisboa, 29 de Março de 1901.

O director geral da Companhia — Chapuy.

AVISO AO PUBLICO

Esta Companhia faz publico que d'esta data em deante
o Sr. Nestor Irrigor, residente em Paris, 32 rue du
Faubourg Poissonniere, deixou de exercer as funções de
agente da Companhia Real para o trafego internacional,
para as quaes havia sido nomeado em 4 de Outubro de
1900.

Lisboa, 3 de Abril de 1901.

O director geral da Companhia — Chapuy.

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e
grande estabelecimento de pa-
pelaria e officinas de typogra-
phia, lithographia e encader-
nador, fabrica de carimbos e
suas machinas, armazem das
letras esmaltadas, retratos a
cra yon, cutelaria, ferragens,
perfumarias, etc., fundados em
1882.

Telephone 943.

RUA DO OURO, 158 a 164

A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a
capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º vo-
lume

Preço 700 réis

STRUGGLE FOR BOER

A luta pelo boer



— Quo vadis, domine ?

. — Vou, mas volto !